

Gorbie, o czar do bem

» JORGE FONTOURA
Professor e advogado

O falecimento de Mikhail Gorbachev, em meio ao alarido belicista de Wladimir Putin, com sua guerra a destempo e revelia da civilização e da história, repercutiu para além do mero obituário, evocado como louvado e reconhecido estadista. Gorbie, no apelido afetivo que o ocidente lhe dedicou, o último premiê soviético de fato entra para a galeria de vultos a celebrar mais pelo que impediu que se fizesse, do que pelo que de fato fez, no rearranjo da Rússia da glasnost (reforma política) e da perestroika (liberalização).

Com a dissolução do império soviético, a par da derrocada do projeto dirigista das utopias autoritárias, era necessário reposicionar a Rússia. Encontrar saída aceitável para o gigante moribundo, que sobrava e soçobrava, sem tolher a dignidade histórica de membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. O desmonte das oligarquias viciadas, a par do esforço para construir uma nova relação com os vizinhos e com o mundo foi um imenso desafio.

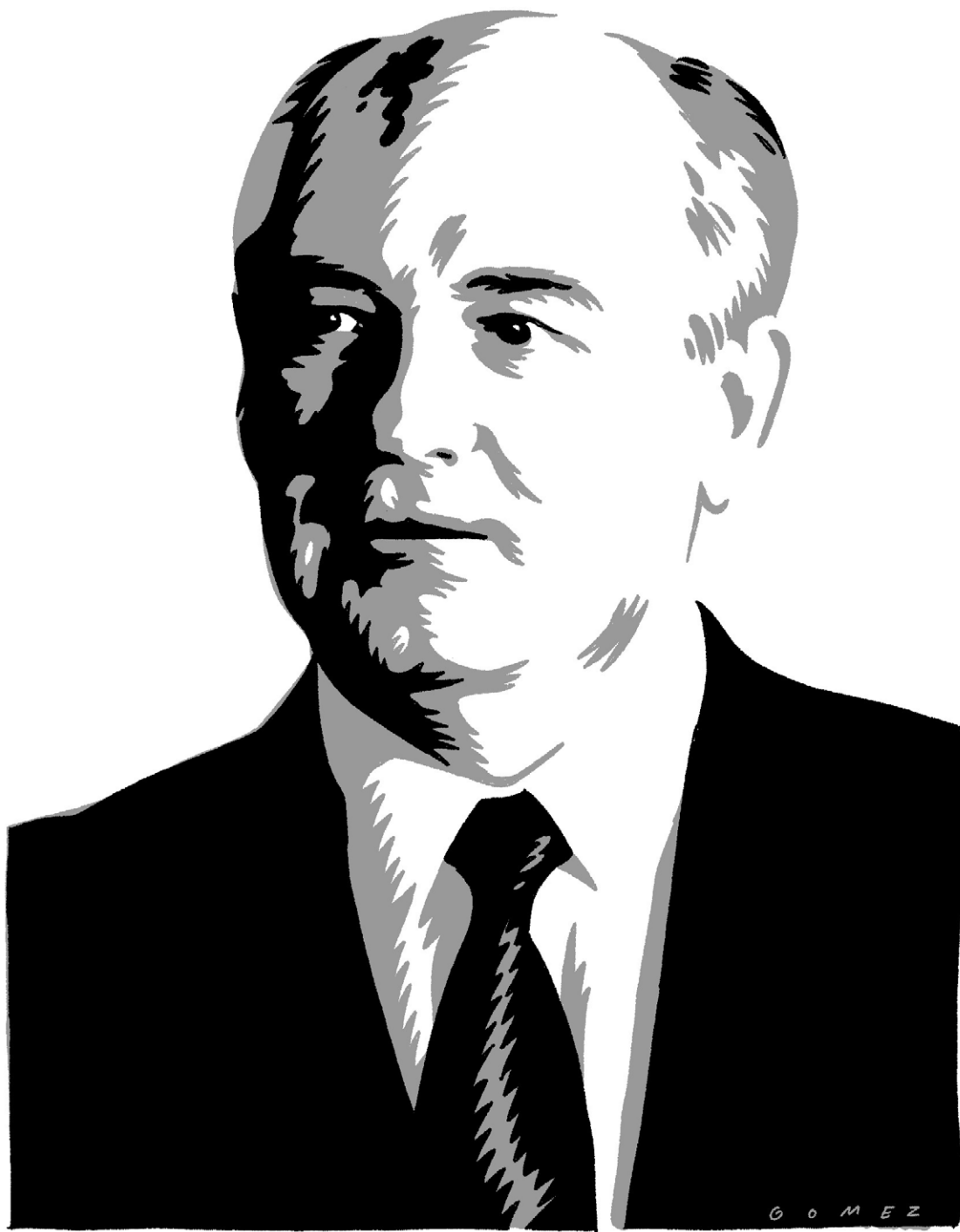
Também, a economia destrocada pelos imperativos ideológicos e por seguidos desgovernos belicistas não alentava. Contudo, ficará para a antologia da inteligência política a habilidade de Gorbachev em lidar com complexas agendas internas e externas concomitantes, desde a transição da união à desunião soviética, bem como as relações diplomáticas de alta sensibilidade com a China e as então designadas Comunidades Europeias — além do notório parceiro-adversário da guerra fria, na expressão de Raymon Aron — os Estados Unidos.

A busca de liberalização política e de abertura ao mercado e ao ocidente como solução de choque, adotada como novo modelo, a não permitir, ou a pelo menos adiar a virulência

das guerras internas, mostrou-se providencial. Basta lembrar, como tristemente constatamos em seguida da implodida e massacrada ex-Iugoslávia, prenúncio trágico do que hoje assistimos. Ao evitar banho de sangue, inútil pela démarche inexorável da história, como ainda haveremos de constatar no presente conflito pan-eslavo, também Gorbie foi

admirável. Depois, no devenir da memória, se, por um lado, como gestor da ruína Mikhail Gorbachev foi responsabilizado pelos ultranacionalistas por toda a derrocada da ex-União Soviética — e até pelos muros que se dissolviam no ar — por outro, foi reconhecido na prevenção de tragédias imensuráveis, ao agir no controle de arsenais atômicos das subpotências

e de todos os outros tempos: “Íntegro e notoriamente bonachão, suas ações foram marcantes. Como secretário geral do Partido Comunista Soviético, a partir de 1985, suas escolhas condicionaram a estabilidade regional e a ordem internacional. Ser seu contemporâneo é um privilégio. A humanidade sempre estará em dívida com ele”, afirmou o historiador.



que restavam desgovernadas no colapso socialista.

O fim de século que se viveu, com o rescaldo da guerra fria e apaziguamento dos deserdados da cortina de ferro levará nome e sobrenome. Também no que concerne a revalorização da aura russa no ocidente, como construtor de possível pertencimento comum pelo compartilhar cultural que o premiê sorridente acabou por refazer despertar. Nesse sentido, era o líder culto, educado e confiável, a resgatar o quê russo da alma clássica tão marcante na cultura universal, seja pela literatura imortal de Tolstói, Dostoiévski, Tchekhov, Pasternak, seja pela música indelével de Tchaikovsky, Rachmaninov ou Stravinsky. Da literatura, um singelo exemplo: “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”, como célebre no intróito de Ana Karenina, de Leon Tolstói, é dizer literário de domínio comum, do acervo universal, não estrangeiro a qualquer asiático, africano, americano ou europeu instruídos.

Ao final, célebre por sua aposentadoria de cidadão do mundo, sempre convidado de governos, de festivais e de congressos, Gorbie notabilizou-se como persona sempre bem-vinda, e mesmo ícone publicitário, a transcender a política internacional, contribuindo para a humanização do poder e para a interação pacífica entre as superpotências.

Eric Hobsbawm, o historiador da guerra fria por excelência, resumiu de forma singela o perfil de Mikhail Gorbachev, como um dos homens essenciais de seu

Bandeira do Brasil

» ANDRÉ NAVES
Defensor Público Federal, especialista em direitos humanos e sociais.
Escritor e professor

O Pavilhão Nacional simboliza o Brasil. É marca do povo, de todos aqui nascidos, estrangeiros, ou que, de qualquer maneira, contribuam com o engrandecimento nacional, mantendo conosco laços de afetividade e admiração. A bandeira do Brasil, como símbolo máximo da pátria, é inclusiva, não admitindo usos sectários ou exclusivistas por qualquer parcela do povo brasileiro ou ideologia política.

O verde de nossa flâmula representa a pujança ambiental do Brasil, em que nossos biomas e biodiversidade podem se traduzir em diversos tesouros bioeconômicos necessários à adequada reprodução da vida humana no Planeta. Da mesma maneira, as águas doces, a imensa costa marítima, os potenciais eólicos e solares alçam o Brasil ao patamar de potência energética.

Somado a tamanho potencial, o agronegócio, coordenado com a sustentabilidade ambiental, com a defesa dos povos e saberes originários e com a agricultura familiar, colocam nossa pátria em posição vantajosa no quadro geopolítico mundial, já que somos líderes em potência no que tange à capacidade energética, às possibilidades agropecuárias e bioeconômicas.

O amarelo simboliza nossas riquezas. Não só as minerais e materiais, que são gigantescas mas, acima de tudo, as humanas: o povo brasileiro possui em sua diversidade e pluralidade o estopim necessário a novas e originais ideias, práticas e inovações. Cada indivíduo, com suas experiências e atitudes, pode contribuir, na medida em que convive com individualidades diversas, na construção de estruturas sociais mais prósperas, inovadoras e justas.

O azul, por sua vez, é a representação dos Direitos Humanos. É sempre válido lembrar que, ao contrário da estereotipação ideológica e dos usos políticos, os Direitos Humanos representam deveres na elaboração de estruturas sociais que permitam a cada personalidade o desfrute de uma posição equânime em relação às oportunidades para, a partir daí, buscar, por seu trabalho e aptidão próprios, o desenvolvimento de suas capacidades que possam contribuir com a justa prosperidade social.

O branco, em seguida, representa a paz externa, inerente ao povo brasileiro, mas também a paz interna, ainda em constante construção, podendo ser atingida por políticas públicas socialmente inclusivas. Resumindo: o branco é o compromisso nacional com uma sociedade cada vez mais livre de barreiras.

Não custa lembrar que as denominadas “políticas públicas” não precisam, necessariamente, ser instituídas, desenhadas e geridas pelo Poder Público, podendo, e devendo, contar com o protagonismo da iniciativa privada.

Por fim, há o dístico “Ordem e Progresso” denotando o dever cívico. O trabalho disciplinado e perseverante, esforçado e que supera obstáculos, portanto, em favor da satisfação de carências sociais majoradas pelas estruturas ainda exclusivistas do Brasil. Em outras palavras, mediante esforço individual e coletivo, estruturas sociais inclusivas devem ser construídas.

Agora que celebramos os 200 anos de independência nacional devemos mirar o futuro. Devemos almejar a elaboração de estruturas democráticas e de cuidado social que permitam o desenvolvimento das capacidades intrínsecas a cada individualidade, impulsionando a prosperidade de toda a Nação.

A economia e o poder de barganha do Brasil

» CARLO BARBIERI
Analista político e economista

Estimativas econômicas recentes mostram que no curto prazo o Brasil deverá abastecer um terço da alimentação mundial. Essa verdade, associada a uma série de outros movimentos de desaceleração econômica nos Estados Unidos e Europa, farão o país ocupar uma posição mais confortável economicamente nos próximos anos em relação aos demais países. Vale lembrar que 85% da energia do Brasil já advém de fontes limpas e renováveis. Abre-se uma margem sem precedentes para que a diplomacia brasileira utilize esse protagonismo para ganhar espaço no mercado internacional.

A agroindústria brasileira hoje já alimenta cerca de 800 milhões de cidadãos do mundo e se prepara para aumentar mais 40% na produção, graças à tecnologia, conhecimento e investimentos. O resultado ganha ainda mais relevância se considerarmos que o país ainda não detém infraestrutura e logística rodoviária e ferroviária e portuárias adequadas para o escoamento e exportação das safras. Os números preveem a relevância do Brasil no contexto econômico mundial.

A inflação nos EUA, por exemplo, já superou a brasileira neste ano de 2022.

De janeiro a julho, o IPCA do Brasil atingiu 4,77%, enquanto a americana foi a 5,31%. Para buscar remediar a situação, o presidente do FED — Banco Central americano — já anunciou aumento dos juros para os próximos meses.

O Brasil baixou a taxa de desemprego de mais de 14% no início do atual governo, para algo em torno de 9%, apesar de toda a pandemia, enquanto nos EUA o desemprego volta a crescer como mostraram os números recentes. Segue crescente superando 11 milhões de desempregados atualmente. Segundo a ADP foram criadas 132 mil vagas de trabalho no mercado americano em agosto. Esse total representa quase metade das ofertas de trabalho que foram criadas no Brasil, com carteira assinada, durante o mesmo período.

Enquanto isso, os EUA amargam um crescimento vertiginoso de saldos negativos nas contas públicas, o Brasil, em julho deste ano, registrou saldo positivo de R\$ 19,3 bilhões. O Brasil deverá ter um crescimento econômico de 2% ou mais este ano. Algumas fontes já falam em 3,2%, enquanto o EUA já têm dois trimestres de crescimento negativo.

O comércio exterior brasileiro está batendo o seu recorde histórico, atingindo 39% do PIB, e fazendo com que o Brasil dobre sua relevância no comércio mundial, atingindo 2% do total, ainda baixíssimo, mas o dobro de poucos anos passados. Vale comparar com a China que em 2020 o comércio exterior tangenciou 33% do PIB. O saldo acumulado no Brasil deverá atingir US\$ 1 trilhão.

A dívida pública brasileira está em queda, já baixando a 78% do PIB apesar da pandemia, enquanto a americana já superou \$31 trilhões, atingindo quase 150% do PIB do país. A previsão de que a dívida brasileira chegaria aos 105% do PIB feita em 2020 se mostrou completamente errônea e irresponsável.

Se compararmos com a Europa a posição fica ainda melhor para o Brasil. Os experts previam uma Europa vibrante neste ano, superando a crise da covid-19, e atingindo um crescimento de mais de 4% em 2022. Infelizmente, esse cenário não se confirmou. Os números estão caindo e já se tem como afirmar que teremos um crescimento no máximo de 2,7%. A França só cresceu 0,5% no segundo trimestre e ficarão os franceses

sem energia 2 horas por dia. A inflação segue crescente na Europa, atingindo 9,1% este ano, números nunca antes vistos desde 1997.

Os juros europeus tendem a ser aumentados e o preço da energia também tem subido de forma escandalosa (41,9%). A Europa passará por um forte desabastecimento, alta inflação e vários países ainda não conseguiram voltar ao ritmo pré-pandemia. A gasolina, como os outros itens da energia, não tem como baixar a curto prazo, ao contrário do Brasil em que houve uma queda substancial baixando mais de 2,7% em uma semana, já tendo diminuído também em outros itens como a gasolina de aviação (mais de 15%) o que deve ajudar a deflação que já vem ocorrendo na economia.

Com a crise energética e principalmente a questão da segurança alimentar, o Brasil tem uma grande responsabilidade no futuro, quase presente, podendo em muito ajudar e, mais que tudo, utilizar-se dessa posição privilegiada para negociar acordos bilaterais de interesse do país. São cenas do próximo capítulo da história brasileira que poderemos contemplar no curto prazo.